

Viajando com El CHE

Copyright © Lincoln de Abreu Penna, 2026

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais
forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do autor

CAPA Maria Clara Fagundes

PROJETO GRÁFICO Jenyfer Bonfim

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P459v Penna, Lincoln de Abreu
Viajando com El CHE : autobiografia não autorizada / Lincoln de Abreu Penna. -
Rio Branco : Letra Capital, 2026.
180 p.
ISBN 978-65-5252-337-2
1. Guevara, Ernesto, 1928-1967 – Biografia 2. Revolucionários – América Latina –
Biografia 3. Socialismo – América Latina 4. América Latina – História I. Título
CDD 923.282
26-1121 CDU 929 Guevara

Angélica Ilacqua – Bibliotecária - CRB-8/7057

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

Lincoln de Abreu Penna

Viajando com El CHE
Autobiografia não autorizada

LETRACAPITAL

SUMÁRIO

Prefácio para a segunda tiragem	7
Apresentação	9
1. Pelas minhas mãos	17
2. Uma vida bem vivida.....	29
3. Viagens rumo à revolução	43
4. Uma experiência revolucionária: Cuba.....	60
5. A revolução em marcha	70
6. América, África e os caminhos da revolução.....	78
7. O ato revolucionário: uma necessidade histórica	88
8. Lições de internacionalismo.....	97
9. O Comandante Fidel. Convergências e divergências	104
10. A Revolução não espera a melhor hora.....	111
11. Revolucionar a adversidade, eis a tarefa	116
12. Os sonhos têm fim, mas a história tem futuro.....	124
13. Um diálogo interminável. Uma controvérsia amigável. O rompimento	134
14. Um Mundo em ebulição. Onde está a revolução?	143
Adendo: Discurso de Ernesto Che Guevara na ONU	162
Apêndice	176

PREFÁCIO PARA A SEGUNDA TIRAGEM

Os sessenta anos da morte de Ernesto Che Guevara neste ano de 2017 ensejou uma reimpressão deste livro esgotado quando de seu lançamento em 2014. Como autor e admirador confesso do revolucionário latino-americano não poderia deixar de reapresentá-lo com algumas observações adicionais.

Não há muito o que acrescentar ao texto original, salvo as referências que eu as atribuo ao Che sobre Fidel Castro. Na ocasião o principal líder da Revolução Cubana ainda se encontrava vivo, mas no que se refere ao conteúdo construído sobre o diálogo entre os dois, Che e Fidel, antes do embarque do primeiro para a Bolívia permanece irretocado, pois o que vale é o cotejo das ideias que cada qual sustentava em relação à uma revolução continental.

As homenagens que estão sendo programadas para este ano em várias partes do mundo atestam o quanto Che é uma figura inesquecível para os latino-americanos, revolucionário que se dispôs a enfrentar o verdadeiro tirano dos povos, os senhores do grande capital. Entre nós uma das muitas homenagens ensejou a tiragem dessa edição especial, com quase nenhum retoque.

Na primeira edição há treze anos, o objetivo inicial era amadurecê-la para ser apresentada neste cinquentenário, mas acabou pelo impulso de seu autor sendo lançado antes da hora. Agora, no entanto, sua publicação faz não só sentido como se revela necessária, sobretudo para embalar as novas gerações sedentas de justiça social. Acresce a isso o fato de estarmos diante de uma conjuntura adversa para os povos em face de uma onda mais do que conservadora a conspirar contra a sobe-

rania das nações e o instinto de libertação dos povos, particularmente no que diz respeito à América Latina.

Ao final desse exercício memorialístico que tomo a liberdade de tornar produzido por El Che, incluo trechos mais significativos do longo, fecundo e rico discurso realizado por ele na Assembleia Geral da ONU, como anexo, a única parte deste livro em que o biografado por mãos alheias explicitou sua avaliação das relações internacionais e a sua determinação em afrontar as ameaças do imperialismo de então.

Por fim, preferi evitar incluir uma longa lista de referências bibliográficas para que o conteúdo seja relacionado especificamente ao seu único autor, que como ator político produziu na consciência dos que partilham de seu ideário fundado na transformação do modo de produção que domina o mundo e submete os seres humanos entendamos o caráter revolucionário que encarnou com paixão e amor ao próximo. Essa herança iluminista e humanista está presente em Guevara como salienta um de seus qualificados biógrafos, o escritor e cientista social Michael Löwy em seu livro “O Pensamento de Che Guevara” publicado pela editora Expressão Popular de São Paulo em sua 2ª edição no ano de 2012.

APRESENTAÇÃO

Deixem-me dizer-lhes, com o risco de parecer ridículo, que o revolucionário verdadeiro está guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade.

(El Che)

Ernesto Che Guevara me desperta, até hoje, os melhores sentimentos que alguém é capaz de manifestar por uma pessoa. Procuro separar o ser humano dotado de impulsos generosos do político que nem sempre mereceu meu inteiro apoio. São duas faces de uma personalidade rica e contraditória, como acontece com as figuras a despertarem tais sentimentos de candura e renovado interesse. Penso que assim posso definir a minha relação com o personagem que é objeto do relato que o leitor terá a seguir.

Em um primeiro momento, a ideia era a de produzir um estudo do caráter revolucionário de El Che. Ao contrário da maioria dos revolucionários mais conhecidos do século 20, cujas ideias nós as temos exclusivamente sobre o teor das revoluções das quais participaram como grandes líderes, o revolucionário argentino deixou algumas reflexões suficientemente inovadoras e, até certo ponto, heterodoxas para os padrões dos discursos revolucionários para merecerem uma análise. E, em consequência, um livro em condições de despertar o interesse de qualquer leitor.

Mas descendo aos detalhes da vida e da morte de El Che, e mais precisamente ao episódio terrível da separação de suas mãos do corpo para efeito de identificação logo após a sua morte, pus-me a idealizar um texto que fosse, ao mesmo tempo, alguma coisa relativa ao que vinha pensando, isto é, a análise do caráter de um revolucionário original, e uma espécie de licença literária, de modo a conceber uma narrativa do próprio personagem, escrita por suas mãos livres de um corpo cansado de tantos sofrimentos e marcado por tantas feridas. Libertas, essas mãos teriam a faculdade de escrever o relato na primeira pessoa.

Sua vida transcorreu ao longo de meados do século 20, no período da Guerra Fria e das utopias a invadir o imaginário de gerações sedentas de justiça social e de libertação de toda espécie, desde as que buscavam a liberação dos comportamentos sexuais e sociais, até aquela voltada para a obtenção de independência e soberania dos povos. Nesse cenário, a forte presença do imperialismo produziu formas de contestação das mais variadas, e uma delas foi o recurso à luta armada, em paralelo com as mobilizações de massa. Neste contexto, Che representou também o antidogmatismo, muito bem salientado pelos mais lúcidos estudiosos no campo da ciência política.

As leituras sobre Guevara me foram importantes, mas as palavras dele próprio a respeito de tudo que o envolveu em vida foram fundamentais para que pudesse inteirar-me e, por assim dizer, incorporar-me à personalidade do homem que admirei, mesmo tendo tantas divergências em relação à condução da luta política que empreendeu. Não me refiro à escolha política do comunismo como filosofia de vida, porque inclusive ele soube interpretá-lo tal como penso o ideário fundado por Marx. Neste caso, compartilho tanto a escolha quanto a interpretação que deu à obra do filósofo alemão.

Estou a me referir ao método e à forma de luta que acabaram se tornando, ambos, elementos principais ao longo de sua trajetória política. Se no caso cubano sua escolha foi acertada, tendo em vista a situação pré-revolucionária produzida, em grande parte, pelo desastroso governo de Batista em seus últimos anos, no que se refere à presença de Che na África e, sobretudo, na Bolívia, sempre me pareceu equivocada sua opção de fazer a revolução a todo custo, pois como dizia, a tarefa de um revolucionário é fazer a revolução. Nem sempre o desejo de se “fazer a revolução” pode ser colocado à frente das condições propícias de conjunturas quase sempre adversas.

Contudo, há inúmeras situações em que El Che foi extremamente feliz e oportuno, dada a sensibilidade de farejar situações em desagrado com o bom senso de quem se propõe a dar-se em favor de processos de transformação. E ele, neste sentido, foi um exemplo dos mais significativos. Logo, não é possível colocá-lo

dentro de enquadramentos definitivos, pois, como foi dito, ele foi um adversário do dogmatismo sem, no entanto, deixar de ser, por vezes, também dogmático.

Crítico de uma apropriação errática do marxismo, Guevara foi o mais contundente opositor ao burocratismo dos partidos comunistas de sua época, da mesma forma que manifestou aversão pelo desprezo dos dirigentes comunistas aos movimentos sociais de cunho libertário. Na teoria, como na prática, tentou humanizar a realização do socialismo inspirado por Marx nas sociedades socialistas soviéticas, submetidas ao rígido controle desses dirigentes partidários. E não foi bem-sucedido nessa tarefa junto aos líderes do movimento comunista mundial, que deram pouca importância às suas críticas.

Em Cuba, teve de enfrentar situação análoga, principalmente após a forte presença e influência dos dirigentes da União Soviética, época em que praticamente nada faltou em termos de gêneros de primeira necessidade e de equipamentos indispensáveis à vida daquela jovem república socialista, porém, era progressivamente desprovida da liberdade intensiva vivida pelos cubanos nos primeiros anos da revolução. Prisioneiro das tarefas administrativas de um ministério para o qual fora designado para dar continuidade ao processo de instauração de uma revolução permanente, não suportou essa situação por muito tempo.

Voltou à luta de armas na mão e com o coração inteiramente voltado às necessidades de outros povos. Percorreu os campos da África, da América Latina, procurou sensibilizar seus companheiros cubanos levando alguns para as suas aventuras determinadas por sua consciência de revolucionário, cuja tarefa maior era fazer a revolução onde quer que fosse chamado. El Che deu adeus à revolução que ajudou a construir, separou-se do comandante Fidel Castro, a quem soube admirar profundamente e do qual guardou o sentimento mais fecundo de fraternidade, tendo, certamente, a reciprocidade do líder cubano. Seus erros foram tão grandes quanto seus acertos.

Em várias de suas declarações e tomadas de posição – salvo a da implantação da guerrilha em condições tão adversas – estive identificado com ele. Mas em nenhuma com tanta proximidade

quanto a que se encontra na epígrafe desta Apresentação. Nem ele, e tampouco eu, seu heterônimo não autorizado, fomos, somos ou tivemos forte influência cristã, apesar de ele ter crescido num ambiente no qual o cristianismo esteve muito presente, como de resto foi o que ocorreu com grande parte de cidadãos da América Latina.

O amor ao qual Guevara se refere é a mais sublime representação da fraternidade, um dos singelos componentes do sentimento comunista, cuja solidariedade entre os seus camaradas não se prende a atitudes meramente doutrinárias, filosóficas, políticas e ideológicas. Prende-se, sim, à capacidade de acolher e cuidar dos seus semelhantes como quem acolhe e cuida de seus entes queridos. Fraternidade é o nome mais adequado para dar a esse sentimento. Mas ela só ganha maior dimensão quando associada à liberdade e à igualdade, de modo a formar o ternário sagrado consagrado pela primeira grande revolução da humanidade, a Francesa, em 1789.

O comunismo, tão vilipendiado pela propaganda que o combate diuturnamente, nada mais é do que a utopia, mais do que a certeza de seu vir a ser, que nutre aqueles que sustentam a necessidade de uma sociedade de iguais, sem opressão e exploração do homem pelo homem, e voltada para a possibilidade de fazer desabrochar a imensa capacidade do ser humano. Longe, portanto, da imagem construída pelo anticomunismo, a apresentá-lo como um regime opressor. Este discurso tem a ver com práticas adotadas no socialismo real, que se opõem ao ideário comunista.

El Che não só pensava dessa maneira como procurou, ao longo de sua vida, praticar esse desejo utópico. Lutou pela igualdade de todos e respeitou, até quanto fosse possível, a diferença nos diversos campos de seus relacionamentos, seja junto aos camaradas que com ele combateram o bom combate, ou com aqueles que o viam como a verdadeira encarnação do capeta. Para estes, pouco importa o reconhecimento de seu caráter ímpar, de sua hombridade e dignidade diante dos desafios enfrentados. A esses, cabe tão somente o desprezo.

Talvez por levar adiante essa visão humanista e radical dos pressupostos que inspiraram o marxismo é que ele foi um dos

primeiros líderes políticos de formação marxista e de atuação no campo do movimento comunista a contestar a orientação do VI Congresso da Internacional Comunista de 1928. Por esta resolução, os países de passado colonial e semicolonial deveriam proceder por meio de seus partidos comunistas, à etapa democrático-burguesa de suas revoluções, em razão de não terem ainda desenvolvido uma classe operária suficientemente capaz de empreender a etapa socialista objetivo mais plausível nos países de desenvolvimento capitalista pleno.

Ao combater essa tese na prática, El Che combateu o chamado etapismo, isto é, a revolução que passa por etapas antes de alcançar seu objetivo final. E punha em questão o caráter supostamente revolucionário da burguesia para realizar uma revolução numa sociedade já burguesa, diferentemente de quando Marx dissera que historicamente a burguesia era revolucionária na época do feudalismo, porque nesta época ela não detinha o poder. Mas como, diante de uma realidade capitalista, seria ela fiel a sua identidade nacional, aliando-se às classes subalternas?

Sustentaria que as forças populares podem vencer uma guerra contra os exércitos convencionais, desde que criem, por meio de focos insurrecionais, as condições para a revolução, com o emprego da luta armada como forma de luta, conjugada com a luta de massas. Para ele, a guerrilha seria um núcleo armado nesse combate, e a vanguarda e grande força do processo revolucionário.

Guevara atribuía grande importância ao campo como espaço para o desencadeamento da luta armada. Ele julgava que as populações camponesas e os trabalhadores rurais poderiam, com o apoio das grandes massas urbanas, incendiar as sociedades latino-americanas e, com isso, pulverizar as forças da ordem, já que estas tinham de se desdobrar para conter os movimentos simultâneos na cidade e no campo. Seu intuito, quando se deslocou para o interior da Bolívia, era dar partida a esse movimento, pois achava que não se deve esperar pelas condições revolucionárias, e sim criá-las e disseminá-las. Foi o que tentou fazer.

A sociedade latino-americana da época de Guevara apresentava uma grande concentração de homens e mulheres no campo, geralmente gente de origem humilde e necessitada de melhores

condições de vida. Inspirado no bem-sucedido processo revolucionário chinês, do qual confessaria haver estudado o suficiente para entender que seria um bom parâmetro para a realidade dos países de seu continente de origem, sustentou a tese de uma guerra revolucionária tendo o campo como área prioritária da revolução.

El Che, como foi acentuado anteriormente, foi um dos mais contundentes críticos da burocracia soviética, não obstante ter sido, por sua insistência e trabalho político, o responsável pela aproximação do governo revolucionário de Cuba com os soviéticos. Mas, por seu gosto e decisão, o governo de Cuba não reproduziria esse sistema de poder, o que não o afastou nem do princípio leninista, nem do Partido Comunista Cubano, em cuja (re) fundação ele também teve um papel decisivo, que seguiu, como os demais PCs, o mesmo princípio organizativo. Perdeu essa batalha e acabou dando prioridade a novas frentes de luta.

Em face da desintegração do sistema socialista soviético em praticamente todo o mundo, como revolucionário ele não hesitaria em buscar os novos caminhos da revolução. E estes, ao que me parecem, ele não os buscaria no leito largo da democracia não burguesa e liberal, mas no aprofundamento da democracia socialista que estava por vir.

Morreu por um ideal, consciente de que fora derrotado em seu projeto de disseminar a revolução no continente latino-americano. Sua autocrítica não se encontra em palavras escritas ou ditadas, mas nas entrelinhas de um diário que registrou suas últimas análises. Ele não era de recuar na luta, porém, pressentiu que tudo tinha dado errado e, em sua maneira de ser, levou ao extremo a decisão e preferiu pagar com sua própria vida o erro cometido. Sua morte foi a sua maneira de se autocriticar.

Este texto autobiográfico, pleno de licenças, que em momento algum foi objeto de liberação ou autorização de seus parentes e camaradas cuidadosos de sua imagem, situa-se no momento de um debate acerca das biografias autorizadas ou não por parte dos indivíduos retratados por terceiros. Se essa discussão vem de longe, no presente, em função da presença de notáveis nomes do movimento artístico e cultural do País, tornou-se extremamente agitada e polêmica. Afinal, chocam-se os

argumentos de direitos consagrados em textos constitucionais, tais como o de livre expressão e o de privacidade. Sem querer fazer dessas linhas de apresentação uma trincheira sobre o tema, não poderia deixar de dizer o seguinte: se as biografias provocam tanta discussão, o que dizer então das autobiografias não autorizadas? Na verdade, eu situaria este ensaio no que se denomina auto história ou história de si.

O Viajando com Che está organizado da seguinte maneira: numa primeira parte constam os dados que julguei mais relevantes relatar, na primeira pessoa, a trajetória de vida de Che. São fatos e dados já do conhecimento público, com pequenas licenças de cunho literário para que o referido relato não se transforme numa enfadonha sucessão de registros. Há neles uma cronologia não muito rigorosa, porém necessária, no geral, para o leitor que não possui informações sobre o personagem e sua narrativa.

Na outra parte, quando há menções aos acontecimentos que transcorreram após a morte do revolucionário argentino, todas as opiniões são, evidentemente, meras suposições do autor a respeito de um posicionamento que Guevara teria se vivo fosse. Assumo o risco de ter enveredado perigosamente por um caminho passível de contestação por parte dos que o idolatram, mas o faço com o cuidado de não descaracterizá-lo como personagem histórico e, tampouco, como grande revolucionário que foi, uma vez que são situações que estão no ideário que defendeu em vida.

Nesse esforço de atualizar o personagem diante de acontecimentos atuais, muitos dos quais desdobramentos de fatos por ele conhecidos em vida, estou convencido de que o sentido libertário que ele perseguiu estaria perfeitamente compatível com a concepção de democracia radical, alargada, e socialmente inclusiva, num mundo no qual as barreiras da polarização capitalismo / socialismo não mais existem, pelo menos do ponto de vista do funcionamento do socialismo soviético e de seu sistema vigente na URSS e no Leste europeu, podendo até incluir, como não, a China, cuja estrutura do poder político ainda não se alterou substancialmente.

Libertário, radical seguidor dos fundamentos revolucionários, marxista convicto e seu intérprete mais ousado, mas avesso

a estruturas rígidas de organizações políticas de cunho marxista e leninista e, acima de tudo, um humanista. Poucos homens públicos da envergadura de El Che conseguiram reunir tantos epítetos, a ele atribuídos com toda a razão. Jamais se curvou a ditames que objetivamente se opunham aos seus desígnios de um quadro da revolução como ele preferia se qualificar.

O leitor terá um relato provável de um Guevara reintegrado ao mundo tão distante que deixou e, no entanto, tão igual no que se refere aos seus desafios e aos problemas das grandes massas populares. Talvez um mundo mais desigual, embora mais rico em possibilidades e em alternativas, em face das reduzidas possibilidades de sua época. Não pretendo apresentar o homem que gostaria que ele fosse hoje em dia, mas a figura de um revolucionário no quadro aparentemente pós-revolucionário, no que este termo possa significar para a época em que viveu. Tudo o que vem acontecendo após a vigência das grandes revoluções sociais e políticas do século 20 não perdeu o vigor revolucionário. A revolução permanece a grande utopia da humanidade, em qualquer dos planos que se queira enxergá-la.

E essa constatação de que a revolução permanece como a mais audaciosa utopia dos que buscam intervir no mundo de maneira a melhorar a vida do ser humano está definitivamente inscrita em dois desejos: o desejo à vida qualitativamente longa o bastante para dela tirar o máximo proveito; e o desejo de transformar o meio em que se vive, dando-lhe a satisfação de usufruir novos experimentos. Na ciência é assim, da mesma forma que na literatura e nas artes, ou ainda nos estudos sobre as várias modalidades de comportamento humano. Enfim, em todas as áreas do saber e da informação prosperam as análises com vistas a um mundo novo.

Na verdade, o mundo de hoje não é um mundo que tenha abolido a alternativa de se revolucionar, pois ele próprio ingressou num ritmo frenético, que convida a mudanças não apenas mais rápidas, como mais profundas. Neste sentido, a perspectiva revolucionária de outro tipo é possível, e neste caso examino de que maneira El Che se comportaria como homem comprometido com os valores que ao longo de sua vida ele não só comungou, como procurou praticar.

1. PELAS MINHAS MÃOS

O socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas ao mesmo tempo contra a alienação. Se o comunismo não considera devidamente os fatos da consciência, poderá ser um método de repartição, mas já não é uma moral revolucionária.

(El Che)

Relato minha trajetória para reavaliar as situações que vivi e as que hoje se desenrolam num mundo repleto de antigos e novos desafios. Vivo hoje um segundo momento de uma vida que fora interrompida por conta de um embate desigual, mas do qual não me arrependo. E é sobre isto e sobre o que espero de meu retorno à vida possível, depois de uma longa hibernação, o teor deste depoimento.

Agi boa parte do tempo no encalço da revolução que não se limitasse a contemplar um lugar, antes do derradeiro fracasso na Bolívia. E todas as minhas ações as fiz conscientemente. De lá para cá tenho feito reavaliações, reafirmações de convicção e um esforço de autocritica em face de decisões tomadas anteriormente que, embora conscientes, nem sempre foram decisões acertadas. Eu não as lamento, como nunca lamentei os tropeços, porque eles fazem parte da caminhada de quem deseja chegar ao seu destino.

Fui o resultado de um momento histórico. Alguém teria de enveredar pelos caminhos que enveredei, pois na época o embate entre as ideologias era mais aberto. Vivíamos a Guerra Fria e as tensões eram frequentemente situadas no plano desse confronto. Nos meus escritos, que foram poucos para a posição assumida diante de tantos enfrentamentos, procurei situar esse momento. Não sei se fui feliz ao fazê-lo de modo a recorrer a eles, mas procurei me fazer entender a partir de minha história